



A IDENTILASTICIDADE DO CORPO LGBT: uma possibilidade ana-lética das diferenças

THE IDENTILASTICITY OF THE LGBT BODY: na anaethical possibility of differences

DESCOLONIZAR LAS IDENTIDADES LATINAS: hacia um desajuste em las identilasticidades com inquietude ética

Carlos Igor de Oliveira Jitsumori¹

Resumo: O artigo aborda a noção de **identilasticidade** como chave teórica para compreender identidade, corpo e diferença sob uma perspectiva decolonial. A identidade é concebida não como essência estática, mas como processo elástico e fronteiro, em permanente negociação, revelando as demandas de um corpo latino. Dialogando com os estudos culturais e o pensamento decolonial, articula contribuições de Foucault, Butler, Bhabha, Quijano e Dussel para refletir sobre a condição latino-americana, marcada pela colonialidade, mas também pela potência criativa da diferença, especialmente no que concerne às experiências de corpos LGBT. O corpo é tomado como território de poder e resistência, no qual discursos se inscrevem e fissuras se abrem, sendo a escola um espaço emblemático dessa tensão, permeado por violências históricas. Conclui-se que

¹ Carlos Igor de Oliveira Jitsumori é Professor e editor-assistente da Revista Camalotes RECAM na Faculdade Insted. Membro do NECC – Núcleo de Estudo Culturais Comparados (UFMS). Coordenador do curso de Pedagogia da Faculdade Insted. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4050-6239>. E-mail: onixs21@yahoo.com.br.

assumir a diferença latino-americana é imperativo ético-político, e que a identilasticidade representa horizonte crítico para repensar identidade, gênero e cultura em chave insurgente e decolonial.

Palavras-chave: identilasticidade; diferenças; corpo LGBT.

Abstract: The article addresses the notion of identilasticity as a theoretical key to understanding identity, body and difference from a decolonial perspective. Identity is conceived not as a static essence, but as an elastic and borderline process, in permanent negotiation, revealing the demands of a Latin body. Dialoguing with cultural studies and decolonial thought, it articulates contributions from Foucault, Butler, Bhabha, Quijano and Dussel to reflect on the Latin American condition, marked by coloniality, but also by the creative power of difference, especially with regard to the experiences of LGBT bodies. The body is taken as a territory of power and resistance, in which discourses are inscribed and fissures open, with the school being an emblematic space of this tension, permeated by historical violence. It is concluded that assuming Latin American difference is an ethical-political imperative, and that identilasticity represents a critical horizon for rethinking identity, gender and culture in an insurgent and decolonial key.

120

Keywords: identilasticity; differences; lgbt body.

Resumen: El artículo aborda la noción de identilasticidad como clave teórica para comprender la identidad, el cuerpo y la diferencia desde una perspectiva decolonial. La identidad se concibe no como una esencia estática, sino como un proceso elástico y fronterizo, en permanente negociación, que revela las demandas de un cuerpo latino. Dialogando con los estudios culturales y el pensamiento decolonial, articula aportes de Foucault, Butler, Bhabha, Quijano y Dussel para reflexionar sobre la condición latinoamericana, marcada por la colonialidad, pero también por el poder creativo de la diferencia, especialmente en lo que respecta a las experiencias de los cuerpos LGBT. El cuerpo es tomado como un territorio de poder y resistencia, en el que se inscriben discursos y se abren fisuras, siendo la escuela un espacio emblemático de esta tensión, permeada por la violencia histórica. Se concluye que asumir la diferencia latinoamericana es un imperativo

ético-político, y que la identilasticidad representa un horizonte crítico para repensar la identidad, el género y la cultura en clave insurgente y decolonial.

Palabras clave: identilasticidad; diferencias; cuerpo lgbt.

A IDENTILASTICIDADE: a condição fronteira do sujeito

As discussões contemporâneas em torno de identidade, gênero, corpo e diferença exigem um olhar atento às condições históricas que moldaram a produção dos sujeitos e de suas narrativas. Nesse sentido, a noção de **identilasticidade** propõe uma ruptura com concepções essencialistas de identidade, situando-a como movimento, impermanência e negociação contínua. Tal compreensão se ancora na percepção de que não somos sujeitos acabados, mas **seres fronteiros**, permanentemente tensionados por forças de poder e saber que nos atravessam e nos constituem.

A partir dos estudos culturais e do pensamento decolonial, este artigo busca refletir sobre a identidade como processo de elasticidade e transformação, sobre o corpo LGBT² de uma aluna A³ do Ensino Médio, da escola Manuel de Barros⁴, que reproduz essa elasticidade, como território de poder e resistência e sobre a diferença como condição constitutiva da experiência latino-americana, como emergência.

A participação da fala dessa aluna irá permear o texto como forma de exemplificar com um discurso de corredores de uma escola que aflora todas as lutas do que é ser um estudante latino. Atrevo-me a dizer que a escola é o expoente que eclode na fronteira, pois nela tudo estoura, é o sangue pulsante do

121

² Sigla brasileira que se refere às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Usarei essa sigla no sentido de coletividade.

³ Adotei por inserir a letra A para manter o anonimato da estudante. Toda vez que me referir a aluna A isso será reflexo de anotações oriundas do campo da pesquisa. Este diário de campo é um instrumento de levantamento de dados, que foi adotado desde o primeiro momento que adentramos ao campo de pesquisa. Diário esse em que são realizadas todas as anotações referentes ao campo de estudo durante as observações.

⁴ É um nome fictício para não expor a escola e ao mesmo tempo prezar pela ética do anonimato da pesquisa.

ser latino, em que as crises de identidades afloram por meio dos corpos que estão em arranjar-se.

A identidade, quando compreendida a partir da lógica eurocêntrica, tende a ser tratada como essência, como algo dado e fixo. Contudo, essa visão ignora que o sujeito é atravessado por múltiplas negociações cotidianas que o deslocam de si e o reconfiguram constantemente. A **identilasticidade** (JITSUMORI, 2024) é concebida como a condição de **impermanência identitária**, isto é, o reconhecimento de que somos atravessados por experiências que nos transformam e nos lançam a um processo inacabado de ser e interminável de ser.

Nesse horizonte, o conceito de **fronteira** ganha centralidade. A fronteira não é apenas limite geográfico, mas espaço simbólico em que diferenças se encontram, se chocam e se reinventam. É na fronteira que a identidade elástica se realiza, pois ali as tensões se fazem mais visíveis: o encontro com o outro nos desestabiliza, exigindo negociação, ressignificação e reinvenção. Isso é ainda mais instável e incipiente, quando o corpo LGBT é emergente. É como se a fronteira latina fosse espaço de desconforto permanente e não pudesse ser instância de transver e translocar outros modos de experiviver o ser gay, lésbica, transexual.

A fronteira é, portanto, lugar de dor e de potência. Se, por um lado, expõe as marcas da colonialidade que nos relegou ao lugar de diferença subalterna, por outro, constitui espaço de criação de novos sentidos e de resistência à homogeneização cultural. Nela, as diferenças se apresentam como forças borbulhantes, que recusam sínteses fáceis e denunciam a fragilidade das identidades fixas. As identilasticidades LGBT oscilam em demarcações, em descrições múltiplas, como se pudéssemos ganhar algum conforto, alguma zona estável ao denominar “isso” e “aquilo”. Todavia, essa rotulação que parece ser confortável e ganho de autenticidade, ainda é um recurso e referência intragável de um eurocentrismo positivista que reclama e exige do indivíduo um encaixar-se em siglas para se fazer como pertencente a um marco de movimento.

A perspectiva decolonial nos convida a olhar a diferença não como déficit, mas como potência epistemológica e cultural. A colonialidade do poder (QUIJANO, 2000) produziu a América Latina como periferia, negando-lhe legitimidade epistêmica e relegando seus saberes a categorias de atraso ou exotismo. Nesse cenário, a **identilasticidade latino-americana** é atravessada pela tensão entre uma herança colonial que nos quer subalternos e uma insurgência que nos empurra para a afirmação de saberes e práticas próprias.

A **ana-léticas das diferenças** (DUSSEL, 1994) constitui, nesse sentido, uma ferramenta importante: trata-se de pensar não a partir do centro eurocêntrico, mas a partir da margem, do outro, da fronteira. Tal deslocamento não busca uma negação absoluta do diálogo, mas propõe a reconstrução de nossas práticas de pensamento a partir de nossas próprias feridas e experiências.

A crise latino-americana, como aqui defendida, não está na ausência de identidade, mas na dificuldade de assumir a diferença como fundamento. Precisamos nos autoinvocar enquanto sujeitos de uma diferença latino-americana, recusando a condição de “não mais europeus” e afirmando-nos como **latinos em nossas próprias dores e potências**.

O impasse latino, talvez ainda seja por buscar em muitos momentos se agarrar a um ideal de identidade como estável. E nesse ínterim que o corpo LGBT-latinos se arvora em conflitos. Ao se encaminhar por uma rota de descrever-se como siglas e, tampouco, quanto vivências múltiplas, em suas várias identilasticidades.

No espaço escolar, por exemplo, os corpos são continuamente regulados, mas também subvertem tais regulações. A heteronormatividade, ainda presente como discurso hegemônico, encontra resistência nos corpos LGBT que transitam pelos corredores escolares, inscrevendo-se como presença incontornável. Mesmo quando silenciados, esses corpos falam. Mesmo quando interditados, eles significam.

O corpo, portanto, não é prisão, mas dispositivo de poder e resistência. Ele é relacional, atravessado por discursos, mas também produtor de novas práticas e sentidos. Não se reduz a uma cifra genética ou a um axioma biomédico; pelo contrário, é acontecimento, processo, campo de lutas e negociações.

As instituições modernas — família, escola, religião — historicamente buscaram controlar os corpos por meio de normas e regulações. Foucault (2010a) demonstrou como práticas disciplinares e biopolíticas foram fundamentais na constituição do sujeito moderno. Contudo, tais instituições não detêm mais o monopólio absoluto sobre os corpos. A pluralidade de discursos, a circulação de informações e a insurgência de narrativas subalternas impõem fissuras ao regime normativo. Butler (2017a) enfatiza que nenhuma sexualidade está acabada ou plenamente definida. As normas são frágeis, porosas, instáveis, e é justamente por isso que produzem resistências.

Assim, a produção de si não é mero reflexo das estruturas sociais, mas um processo ativo em que sujeitos se constituem nas fissuras do poder. O corpo é central nesse processo: ele denuncia, resiste, reconfigura.

O corpo é o território por onde andamos; inseguros por vezes, felizes em outros momentos, mas é o corpo a embalagem no qual estamos condenados a viver e ser. Não há como fugirmos do corpo. Se por um lado o renunciarmos, essa renúncia nos insere num texto socialmente tácito de possível leitura. De qualquer modo, os corpos são lidos, interpretados, embalados e desembalados. Os corpos são poderes que perambulam na escola, eles negociam como os espaços estabelecem práticas e comportamentos e criam estratégias para habitarem esse ambiente. Os corpos são anúncios e narrativas que se fazem percebidos e lidos, mesmo quando um inspetor, professor e colega não os queiram ler, ali eles se apresentam.

Por isso afirmo que o corpo é o território por onde a sexualidade se move e se manifesta, ou seja, põe-se a descrever-se. O discurso frequente de que a escola é heteronormativa se choca em fortes tensões com os corpos que andam por esses corredores escolares. Não significa que a escola oprime os LGBT e valoriza os heterossexuais, ou vice-versa, não se trata disso. A questão é que a sexualidade não é facilmente governada dentro de uma estrutura lógica e racionalmente evidente.

A sexualidade opera com uma lógica que nos escapa a ponto de escrachar que se por um lado a escola incita a heterossexualidade, por outros momentos, também opera e dança com outras sexualidades. Pois, em tudo aquilo que não se fala das sexualidades, delas estão falando. Ao negar uma sexualidade, dela também se fala.

O corpo reflete muito do que somos, porque é um aparelho da linguagem social, que não precisa, necessariamente, que um “eu” o pense *a priori* para que ele tenha condição de falar por si. O corpo tem presença social, aparelhagem que nos escorrega, mas que nos representa mais do que dele temos consciência. Mesmo que o ornamentamos nesse espaço de liberdade e produção de si, que fende ao escopo social de produção, ele ainda nos escapa. Até porque o outro é uma instância e modalidade perpassadas por muitas outras construções, linguagens, culturas, simbologias etc.

Todavia, o corpo é uma instância por onde a arte se manifesta, se desenha e se autoproclama. É um território em que o ser exerce a arte de si, um modo de narrar a si, de negociar o espaço, de criar laços afetivos, de atrair relações. Sendo assim, o corpo está num intenso jogo de poder que “[...] está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares.” (FOUCAULT, 2017, p. 101).

O que esclarece que o corpo não é uma prisão do indivíduo em si, mas é uma cadeia informe que se entrelaça com nós falsos, pois se rompem a cada nova tensão que emerge, a escola não se expressa somente pela heterossexualidade. Ao receber diversos corpos, aqui em questão as LGBT, isso aflora a representação de que eles estão aí, no espaço escolar, e de alguma forma e modo sua presença negocia e tensiona outras sexualidades. O que não dá para sustentar mais a ideia de que a escola seja um espaço do controle exclusivo do comportamento heterossexual.

O que leva a entender que a própria instituição escolar não encerra o corpo, porque este extrapola os muros e arrebatava o jovem para além de suas descrições, que não se escrevem meramente nesse espaço escolar. O corpo é dinâmico, relacional e, por isso, é uma fagulha da estratégia de poder. O poder perpassa o corpo, o afeta, o abala e, também, o suspende.

Os corpos são sempre novos nas instituições, mas diversos no próprio sujeito. O corpo é um campo que desagregou, também, o ideal de homem, o projeto falido do iluminismo que projetou, cogitou um modelo de homem e corpo (FOUCAULT, 2017). Sendo assim, é possível dizer que o corpo é o recipiente que esquartejou o projeto “[...] de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma elaboração teórica.

Ao estudar a ossatura facial e inspecionar a anatomia, na busca de possíveis sinais de degenerescência; [...]” (FOUCAULT, 2017, p. 35) com que os corpos-fisiológicos dos sujeitos homossexuais eram analisados, para se subscrever uma explicação anômala do ser homossexual. Parecia que a intenção somática era tabular, circunscrever um modo para ser e de ser homossexual por meio de um corpo deformado, que desqualificava, naquele período do século XIX, um ideal de corpo-homem e corpo-mulher.

A questão é que o corpo do século XX fez ruir todo um projeto de anatomização de um escrutínio chamado de corpo. Ou seja, o corpo inflamou um

saber médico que se articulava a descrever os corpos desalojados e considerados deformados. Se o jogo esquemático era engavetar e definir um modelo de corpo doente, degenerado e, dessa forma, de comportamentos, práticas sociais desequilibrantes e não convencionais (FOUCAULT, 2006), esse intento ruiu há tempo.

O corpo conduziu as discussões, os estudos para um outro patamar, o do discurso. O que significa que o corpo não é uma cifra que se lê meramente por um axioma, fisiologia médica, não que tais áreas não tenham sua importância e necessidade, mas não se pode reduzir a discussão do corpo a essas áreas do saber. Mas, muito além disso, diga-se de passagem, referida discussão subverte tudo quanto queira resumir a uma leitura genética, a um modelo único, exclusivo, supostamente puro, absoluto de entender e enxergar não somente o corpo, mas de como se produziu o pensamento de homem, mulher, sexualidades. Sendo assim, pelo corpo os estudantes negociam, falam de si, abrem novas relações.

Somado a isso, faz-se necessário recorrer a um instante da obra “Os anormais” (2010a), quando Michel Foucault aborda a figura e a questão do indivíduo a ser corrigido, isso nos séculos XVII e XVIII. Mas no século XIX, encontramos a figura do indivíduo anormal. Aquele que precisa ser corrigido, normalizado para não deformar o corpo social.

Criam-se regulamentos, normas, leis, regras de conduta para o indivíduo, pois dessa forma se evitariam doenças, deformidades do corpo, problemas sociais. Nesse momento, Foucault discute um dos indicadores, para o período do século XVIII, que era a masturbação, que provocaria “[...] não apenas as piores doenças, mas também as piores deformidades do corpo e, por fim, as piores monstruosidades do comportamento” (FOUCAULT, 2010a, p. 52). De uma questão em particular descuidada pela família (que foi articulada por um saber médico que nascia) desencadearia, da cela familiar um reflexo de anomalia na esfera pública. O que significa que toda a ação e conduta do indivíduo desde a infância passou a ser meticulosamente observada, analisada e policiada.

Não se tratava da masturbação em si, mas de um exercício que era pôr em vigilância o comportamento sexual do outro, por intermédio daquilo que se faz com o próprio corpo. O controle do corpo que está em vias de extrapolar a vivência e o espaço da instituição familiar. Desse modo, observar e adequar esse corpo desde a infância é uma marca que se impôs.

A dinâmica que se faz interessante trazer à discussão nesse momento é que do mesmo modo que em séculos anteriores, a vigilância em torno do que se faz com o próprio corpo para, então, evitar comportamentos deformados, desregulados, disfuncionais a um ideal de corpo-sexual ainda tem suas marcas no presente. Todavia, tenho certas reservas se hoje os aparelhos reguladores de condutas, por exemplo, familiares, pessoas conservadoras, discursos religiosos diversos etc., sejam suficientes para enclausurar, limitar corpos e ditar como eles podem se manifestar em sociedade, na própria escola. Exemplo disso está na fala da aluna **A**, ao dizer que sua presença passou a ser respeitada mesmo ao ocupar lugares em que a norma não lhe permitia estar: “[...] quanto mais dias se passavam, mais eu estava sendo respeitada, exemplo disso, ao fazer filas no pátio da escola eu passei a ficar na fila das meninas.” (Aluna **A**)

É como se não houvesse vida fora das fórmulas sociais, culturais e institucionais. É rasa a compreensão de que somos só um código em meio à sociedade. Em meio a tudo isso, há alguma relação que nos escapa e que escapa a todo esse pensamento de formatação de indivíduos. O que posso chamar de sulcos intersubjetivos por meio do qual o poder se articula e sussurra em práticas de liberdades.

127

Embora o discurso frequente seja de que a escola é heteronormativa, esse império regulador psicológico e físico passou por crise e, agora, está em ascendência o desregulado, dissolvente, não definidor. Mais do que isso, se há uma norma, possivelmente essa seja a do impacto, do espanto, da conquista que os sujeitos vão realizando ao longo das suas estratégias e negociações no espaço escolar, e que põe a heteronormatividade em xeque. A aluna **A** discorre, por exemplo, que “[...] na hora do professor consultar quem está presente em sala, sou chamada pelo meu nome social e todos os colegas já sabem que sou eu. Isso também ocorre com outros colegas meus que são trans.”

A escola, a família, a religião não “amassam” mais sozinhas esse constructo permanente chamado de corpo. “Apesar de existir muitas pessoas conservadoras, o nível de informação que temos sobre o corpo e a sexualidade de homens, mulheres, gays, lésbicas, é muito grande. Isso altera muito a relação com a sexualidade” (RAGO, 2010, p. 11). Digo, ainda, com o próprio corpo é que se vislumbram possibilidades alhures e imensuráveis, que escapam à lógica da definição, da estrutura, dos binarismos.

Na fala da professora, é possível observar que o corpo é uma expressão significativa do modo de ser do indivíduo-aluno-aluna. Antes do evento do aniversário, a aluna transexual se posicionava enquanto transexual, mas de outros modos, uma vez que não há um único modo de ser LGBT, por exemplo. Entretanto, com a festa de aniversário, momento em que outras relações e comportamentos aconteceram, novas vivências e práticas possivelmente surgiram nessa ocasião, a ponto de refletirem nessa aluna novas práticas de si.

A partir do dia que teve o aniversário dele. Ele voltou para a escola totalmente diferente. [...] Ele veio muito mais vaidoso, mudou muito seu modo de vestir-se, passou a se maquiuar e ficou muito mais leve e feliz. Os amigos de sala, até mesmo os que não eram tão próximos passaram a ter outra relação com ele, com mais afeto. Mas a questão é que os pais dele o aceitam muito bem. Eles até fizeram o aniversário dele como ele pediu. [...] Três dias de festa. Um para a família, outro para os amigos de fora da escola e outro para os da escola. Isso foi muito importante para ele (Narrativa de uma **Professora**⁵).

Isso conduz o entendimento de que a produção do corpo não é restrita a um espaço, conforme já mencionado anteriormente, mas é circulante. Nos aniversários certos afetos, discursos, olhares foram relevantes para esse novo modo de se posicionar no espaço escolar. O que desloca e rompe a ideia de que a heteronormatividade na escola é uma carapaça impermeável de novas práticas sexuais e de outros corpos. Até porque se deve questionar se o fato de a escola ser heteronormativa, como tanto exclamam, seja um problema.

Nenhuma sexualidade está definida, acabada, finalizada, a ponto de aclamarem com tanto ódio e rancor a uma norma social, lei, regra, modelos, padrões, e que não são esses elementos suficientes, incorruptíveis e irretratáveis diante das relações. Toda relação é de poder (FOUCAULT, 2017) e não se encerra em um grupo, sujeito e, muito menos, em um discurso que se apresenta na tentativa de ser único. Por que será que a heterossexualidade e a heteronormatividade estariam definidas, acabadas, resolvidas? O que nos leva a pensar que também as normas são frágeis, porosas, reduzidas e produtivas. E que as sexualidades são campos de inseguranças e instabilidades, por isso, de poder.

⁵ Diálogo entre mim e uma professora pelos corredores da escola, local da pesquisa. Cabe destacar que uso o substantivo feminino para todos os docentes envolvidos na pesquisa como forma de manter um anonimato desse grupo. Como a maioria eram mulheres, prezei por denominar a todos no feminino.

Embora não seja esse o meu objeto de pesquisa, trago essa premissa como uma forma de denunciar que nenhuma sexualidade está reduzida e acabada. (BUTLERb, 2017)

O corpo é relacional, não é um projeto estanque e singularizado. Toda e qualquer ideia de corpo que almejamos sempre esbarra num outro, no julgamento desse outro, no aceite social. Isso não significa que não existem brechas de ações por parte do indivíduo, mas pressupor que a articulação e “criação” do próprio corpo seja circunscrito num “eu” é, pormenorizadamente, produtivo.

Embora Osório (2018, p. 12) não esteja, nesse excerto do seu texto, discutindo sobre o corpo, é possível extrair dele a compreensão de que no corpo ocorrem:[...] participações reduzidas de elaboração, pois são nessas brechas que se explicitam os mecanismos de resistências e as reais dinâmicas [...] em que o meio escolar também participa, seja na afirmação, ou na negação.

A postura e comportamento modificados após um cenário de aniversário promoveu, certamente, alguns movimentos que incitou e despertou essa aluna para um possível entendimento de que entre aqueles sujeitos da sala era possível outra relação consigo e com o próprio corpo. Muitas questões estão nesse jogo, o corpo é fruto dessa dinâmica e do que pode resultar a partir desses desdobramentos. Os “[...] jogos, estão postos na sociedade e na existência de cada um não são elementos simples ou fáceis de percepções, menos ainda de serem compreendidos, pois se explicitam em seus diferentes movimentos, muitos dos quais não previstos” (OSÓRIO, 2018, p. 21).

Entre tantas leituras possíveis, cabe frisar que as relações de poder e saber não se resumem a um dado período histórico, mas se lançam como novos desafios que se rearranjam com os elementos postos. Desse modo, o corpo é um atributo que se desliza na história, escorre por entre os sulcos da cultura, fendem em novas estratégias e impactam as tecnologias de controle que se acreditavam inabaláveis. O corpo é o encontro dessas negociações, ora sendo causa, ora sendo poder e saber eletrizante em si.

Ao ver uma aluna trans na fila de sua identificação e, além disso, sua presença em projetos da escola que só era para meninas cis, isso estremece o discurso e a afirmação de ser a escola um ambiente que somente reflete os comportamentos da heteronormatividade e de práticas curriculares com estratégias heteronormativas, isto é, que incitam os jovens a serem heterossexuais. “Todo

projeto que tinha na escola eu participava, até mesmo de projetos que tinham na escola só para meninas, eu participava. Projeto de dança, por exemplo”. (Aluna A)

A questão posta pela professora nos leva a pensar que essa aluna voltou mais afirmativa e confiante de si, por que não? Se todo esse cenário se desenhou dessa forma, é significativo que alguma prática impactou, afetou esse corpo e ele respondeu. Não se descarta a ideia de que essa jovem tenha sido capturada por uma nova lógica estratégica de disciplinamento e docilização de corpo.

Contudo, ainda creio que, mesmo diante de todo esse arsenal histórico, social, cultural e institucional, configurado em mecanismos que cercam e produzem corpos sujeitados, preferimos otimizar o trabalho de Foucault na sua obra “História da Sexualidade: o cuidado de si” (2014) – entre outras – porque o indivíduo tem condições de produzir a si próprio em meio às rachaduras, fissuras que toda essa inter-relação humana nos impõe.

Nesse caso, em especial, o poder e novas relações de saber nos conduzem para outras possibilidades de ser. Há sujeição, mas também há ação e liberdade. O sujeito não é vítima do sistema, da sociedade, das instituições como um todo permanente e impermeável. As aparelhagens são sólidas, mas elas trabalham e se chocam a cada indivíduo, por isso o poder é capilarizado (FOUCAULT, 2017b), oscilante, faiscante e não se esgota, tampouco se resume às instituições e seus interesses múltiplos. O que também não encerra o discurso e a possibilidade de ser a escola um campo possível de produção de outras sexualidades e gêneros.

As instituições, por serem demasiadamente porosas e vulneráveis a tudo o que se passa para além de seus muros, são brechadas por sujeitos que enfrentam as normas. Isso ficou bem colocado com as posturas da aluna A, que a todo momento moveu a instituição para não encerrar seu gênero e, porque não dizer, sua sexualidade. Se o sistema ali não admitia certas práticas, passou em um momento de tensão admitir a existência de uma aluna trans na fila das não trans, a presença dela no banheiro denominado de feminino e a chamada pelo seu nome social, por exemplo. Fica nítido que a instituição não perdeu o controle, pelo contrário, a instituição jogou com o que estava posto e, assim, manteve-se enquanto escola.

CONSIDERAÇÕES Finais

Com base nessa discussão, o corpo, por sua vez, aparece como território em que essas disputas se materializam. Ele é simultaneamente instância de disciplina e de resistência, superfície de inscrição e espaço de invenção. No contexto escolar, exemplificado pela experiência da aluna A, o corpo evidencia sua força disruptiva, capaz de deslocar normas heteronormativas e abrir novos caminhos de convivência.

Finalmente, argumenta-se que a diferença latino-americana precisa ser assumida como fundamento epistemológico e cultural. Mais do que lamentar a condição de não-europeus, é preciso afirmar a condição de **latinos**, reconhecendo que nossas feridas coloniais não anulam, mas potencializam a criação de saberes e práticas próprias.

A identilasticidade, portanto, não é apenas conceito, mas horizonte ético-político: um convite a repensar a identidade, o corpo e a diferença a partir de uma perspectiva humanamente latina, insurgente e decolonial. Entendo, que o corpo LGBT é por si só um corpo que revela essa decolonialidade, esse outro modo de viver, reviver, transver as realidades latinas. Os corpos LGBT experienciam não as fissuras em si, mas os abissais que irrompem em meio a supostos estreitos seguros de uma identidade para se ancorar.

131

O corpo LGBT, como retratado nesse texto pela aluna A, é uma evidência que a profundidade nas relações, que elas não são estreitas, elas são profundas de simbologias e possibilidades. Os LGBT não são códigos fixos de coisas outras nos territórios latinos, eles são movimentos de realizações também. São refazimentos e transvaloram suas identidades em identilasticidades. Seus corpos são as denúncias latinas de um não acabado e descrito por discursos únicos e de histórias únicas.

Atrevo-me a dizer, somos o inacabado, porque nós latinos estamos nos reconhecendo como não mais objetos eurocentristas, mas sujeitos latinos com olhares latinos, pensamentos latinos, experiências latinas que não se contentam com um acabado e finalizado. Isso se deve ao fato de que o ponto latino é o oscilante permanente. E isso assusta o império discursivo que teima em guiar e administrar nossas vidas latinas, nossas mentes latinas. Permitindo-me o atrevimento dessa ana-lética outra, a centralidade das identilasticidades latinas é o não fixo, a negação do terminado descritivo.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.
- _____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2017b.
- DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do outro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2017.
- _____. *Os Anormais*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981 – 1982)*. 3. ed. Trad.: Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010b.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. 42. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.
- _____. *O Poder Psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira. “Descolonizar identidades latinas: para um descomparar nas identilasticidades com anseio ético”. In: *Cadernos de Estudos Culturais: Literatura Comparada Descolonial*. Campo Grande – MS: UFMS, v 1, n. 30. p. 31 – 43, 2024.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Internacional de Ciências Sociais*, v. 49, n. 155, 2000.
- OSÓRIO, Antônio do Carlos do Nascimento. Ortopedias do Conhecimento: Pesquisa, Abordagem Social... In: OSÓRIO, Antônio do Carlos do Nascimento. (Org.) *Instituições e Sujeitos: Saberes e Poderes*. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2018, (p. 11 – 30).
- RAGO, Margareth. “O natural não é ser homem ou mulher”. *A dissolução da identidade*. In: Revista do Instituto Humanistas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling. 28/06/2010.

Artigo recebido em 31 de agosto de 2025.
Artigo Aprovado em: 15 de novembro de 2025.